

REALIZAÇÃO:



CBH MP

COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA
DO MÉDIO PARANAPANEMA

WILSON FÁBIO GODOFREDO
com ilustrações de **THIAGO EGG**

O RIO VAI MORRER?



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - PROIBIDA A VENDA.



TICO E SUA TURMA EM:

O RIO VAI MORRER?

FICHA TÉCNICA

Realização: Comitê da Bacia Hidrográfica do Médio Paranapanema /
Fundação de Apoio à Pesquisa Agrícola.

Coordenação: Suraya Damas de O. Modaelli

Produção: Excelent Mídia Publicidade Ltda.

Autor: Wilson Fábio Godofredo

Jornalista: Tábata Bueno de Oliveira - MTB: 85638/SP

Psicopedagoga/Pedagoga: Profª Pâmela Amélia Carvalho Santos

Ilustrações e Capa: Thiago Egg

Impressão: PrintMidia - Gráfica, Editora e Comunicação Ltda.

Edição: 1ª impressão

Tiragem: 229.231 unidades.

APOIO:



REALIZAÇÃO:



ISBN 978-65-01-47488-5

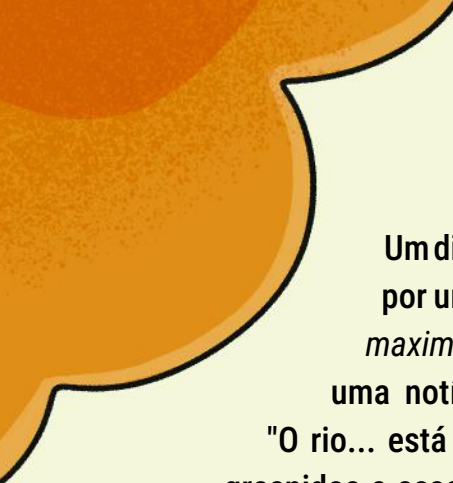
A Mata Atlântica, na região oeste do Estado de São Paulo, pulsava com uma biodiversidade maravilhosa. O Rio Turvo serpenteava preguiçosamente como uma fita dourada, muitas vezes refletindo o verde-esmeralda das árvores que o emoldurava e o azul celeste do céu. Ali, naquele ecossistema rico e delicado, vivia Tico, um TUCANO -TOCO (*Ramphastos toco*) conhecido por suas penas coloridas, seu canto imponente e... digamos, seu amor exagerado por si mesmo.

Tico era um mestre em voos rasantes coreografados e pousos em alto estilo, com um charme estudado, para selfies com turistas deslumbrados que visitavam a região. Sua vida, aparentemente, girava em torno de sua própria imagem e da busca incessante pela próxima fruta apetitosa. Muitos animais da floresta o viam como um exibido, egoísta e, pior, um mentiroso, cujos belos voos acrobáticos escondiam promessas vazias de ajuda e cooperação. Sua reputação na floresta, digamos, não era das melhores.









Um dia ensolarado, a rotina de Tico foi repentinamente interrompida por um cacarejo frenético e barulhento. Eram as maritacas (*Pionus maximiliani*), tagarelas como sempre, mas desta vez, carregavam uma notícia sombria, um alerta urgente que ecoava pela floresta:

"O rio... está morrendo! O rio... está morrendo!" Em meio ao barulho de grasnidos e assobios nervosos, a mensagem era clara e inconfundível: algo terrível estava acontecendo no coração da floresta.

Tico, absorto em seus preparativos para sua próxima sessão de fotos (a luz da manhã era perfeita para realçar o brilho de seu bico alaranjado), tentou, a princípio, ignorar o alarme estridente.

— O rio? Que se vire sozinho! Tenho compromissos mais importantes! — pensou, enquanto lustrava as penas com o bico. Mas a imagem perturbadora narrada pelas maritacas sobre peixes boiando de barriga para cima e a lembrança vívida de ter bebido daquelas águas abundantes, outrora puras e refrescantes, o incomodaram profundamente, como um espinho fincado em sua consciência.



Vencido pela curiosidade, ou talvez por culpa, Tico voou até as margens do Rio Turvo e testemunhou uma cena assustadora: um pesadelo ecológico que se desenrolava diante de seus olhos. Peixes de diversas espécies, como o dourado e o pacu, agonizavam na água turva e fétida, lutando desesperadamente por oxigênio. Um Araçari-do-bico-branco (*Pteroglossus aracari*), normalmente elegante e colorido, estava prostrado na margem, seus poucos parentes muito distantes para consolar e seu olhar perdido em um sofrimento silencioso. O solitário Araçari com a voz fraca e rouca, confirmou o pior: – O rio... está morrendo... a água está envenenada...

Movido por uma rara pontada de consciência e um crescente senso de responsabilidade, Tico voou freneticamente pela floresta, em busca de ajuda e aliados para combater a ameaça. Tentou alertar a preguiça-de-coleira (*Bradypus torquatus*), conhecida por sua lentidão e resistência a mudanças, o macaco-prego (*Sapajus nigritus*), sempre ocupado em suas travessuras, e até a poderosa onça-parda (*Puma concolor*). Mas a péssima reputação de Tico o perseguia, como uma sombra sinistra. – Tico? Aquele metido? – Não temos tempo para suas mentiras e

promessas vazias! Resmungavam os animais, desconfiados e descrentes de suas intenções.







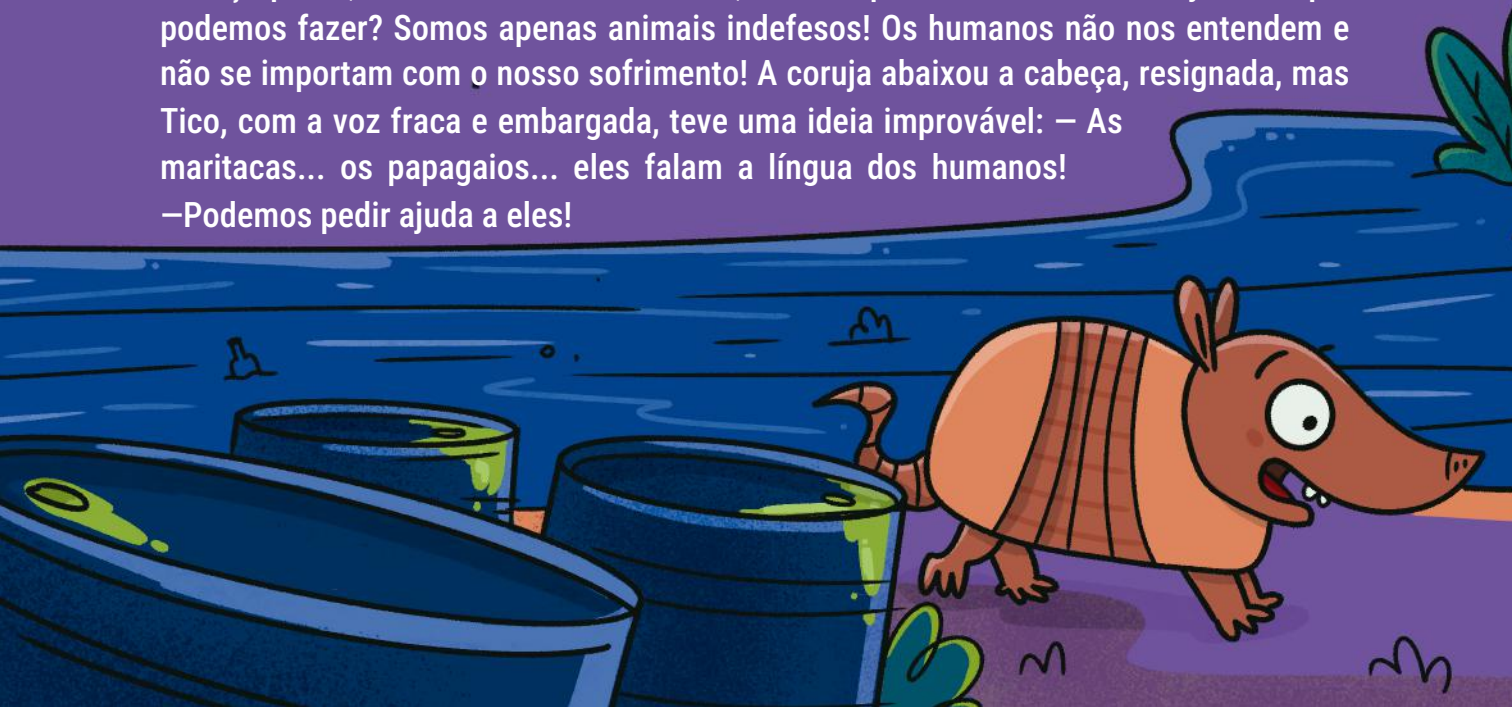
Quase desistindo, desanimado com a falta de confiança e o peso do descrédito, Tico encontrou dois aliados improváveis, mas leais: Tato, um tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) curioso, perspicaz e com um faro apurado para detectar problemas, e Coruja, uma sábia e observadora coruja-orelhuda (*Asio clamator*), com sua visão noturna aguçada e sua vasta experiência na floresta. Tato, com seu olfato sensível, poderia rastrear a origem da contaminação, seguindo os rastros químicos deixados pelos poluentes. Coruja, com sua visão adaptada à escuridão, poderia vigiar o rio durante a noite, monitorando atividades suspeitas e o comportamento dos animais. A jornada em busca da verdade foi árdua e repleta de desafios. Enfrentaram a desconfiança e o ceticismo de outros animais, desviaram-se de armadilhas perigosas armadas por caçadores ilegais e se embrenharam em áreas desconhecidas e inexploradas da floresta, onde o perigo espreitava a cada instante. Tato farejou resíduos químicos tóxicos, como pesticidas e fertilizantes, utilizados em lavouras próximas. Coruja observou o despejo ilegal de esgoto clandestino, proveniente de áreas urbanas em expansão. Tico, com sua visão privilegiada do alto, avistou vastas áreas de desmatamento que assoreavam o rio, diminuindo sua profundidade e comprometendo a qualidade da água.



Em uma das expedições arriscadas, Tico, tentando coletar amostras da água contaminada para apresentar como prova aos outros animais, foi atingido em cheio por uma descarga tóxica de produtos químicos industriais e caiu, gravemente ferido, nas margens do rio. Coruja e Tato, com a ajuda de outros animais que finalmente acreditaram na gravidade da situação, o levaram para um lugar seguro e isolado, mas o momento era crítico. A vida de Tico estava por um fio.

Vendo Tico à beira da morte, lutando contra os efeitos da contaminação, Coruja percebeu que a floresta precisava desesperadamente de um líder, mesmo que imperfeito e com um passado questionável. Voando de galho em galho, com suas asas silenciosas, Coruja convocou todos os animais da floresta para uma assembleia urgente, uma reunião extraordinária para discutir o futuro do rio e da floresta. Com eloquência e sabedoria, Coruja explicou a gravidade da situação: o desperdício de água, a contaminação desenfreada de origem rural e urbana, o uso indevido e irresponsável dos recursos naturais iriam levar o rio à morte e contaminar também o Rio Paranapanema.

A Onça-parda, ainda cética e desconfiada, interrompeu o discurso de Coruja:—E o que podemos fazer? Somos apenas animais indefesos! Os humanos não nos entendem e não se importam com o nosso sofrimento! A coruja abaixou a cabeça, resignada, mas Tico, com a voz fraca e embargada, teve uma ideia improvável: — As maritacas... os papagaios... eles falam a língua dos humanos! —Podemos pedir ajuda a eles!







A ideia de Tico, antes tão egocêntrico e preocupado apenas consigo mesmo, era um raio de esperança em meio à escuridão e desespero. Coruja voou em busca do papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*), um líder respeitado entre as aves falantes, conhecido por sua inteligência e capacidade de comunicação. O papagaio, com sua lábia e carisma inegável, convenceu as maritacas a se espalharem pela cidade, voando de telhado em telhado e repetindo incessantemente: "O rio está morrendo! Venham ver o que está acontecendo!". Enquanto isso, Tato, cavando sem parar, criou um rastro de terra visível a quilômetros de distância, chamando a atenção de geólogos curiosos e preocupados com o meio ambiente.



A mensagem das maritacas ressoou na cidade como um grito de socorro da natureza. Prefeitos, professores, estudantes, jovens e idosos, movidos pela curiosidade e pela crescente preocupação com o meio ambiente, seguiram as aves tagarelas até o Rio Turvo. Os geólogos e ambientalistas, seguindo o rastro de Tato, juntaram-se à multidão, trazendo consigo equipamentos de análise e medição.

Diante da cena devastadora, a comoção foi geral. Os humanos, finalmente, entenderam a mensagem até ali silenciosa da floresta, o apelo desesperado por socorro. Ali mesmo, às margens do rio agonizante, decidiram criar um Comitê de Bacia Hidrográfica, um grupo de pessoas comuns, especialistas em meio ambiente, representantes do governo e membros da comunidade local, unidos para cuidar do gerenciamento sustentável do rio e protegê-lo de futuras ameaças, criando formas de preservação e recuperação.







Veja as
atividades
secretas pelo
celular.

Tico, ainda fraco, mas se recuperando gradualmente, observava a cena com um brilho de esperança nos olhos. Sua jornada, iniciada pelo egoísmo e transformada pela tragédia, havia salvado o Rio Turvo da morte. Ele não era mais apenas um tucano exibido e vaidoso, mas um novo herói, um exemplo inspirador de que até os mais improváveis podem fazer a diferença quando movidos pela compaixão e pela vontade de mudar o mundo.



"O Rio Vai Morrer?" é uma história inspiradora sobre a importância da união, da perseverança, da responsabilidade ambiental e da capacidade de transformação.

Uma lição valiosa sobre como a natureza, mesmo quando ferida e maltratada, pode nos inspirar a agir e a construir um futuro mais justo, sustentável e feliz para todos os seres vivos.

APOIO:



REALIZAÇÃO:



ISBN: 978-65-01-47488-5

CDL



9 786501 474885